



## Meritocracia E Nepotism Baby: Capital Familiar Na Inserção E Permanência Do Mercado De Trabalho Contemporâneo

Paulo Roberto Meloni Monteiro Bressan<sup>1</sup>, Alisson Paulinelli Ben Silva<sup>2</sup>, Dandara Ranna Azevedo Fonseca<sup>3</sup>, Evertom Maker de Paula Souza<sup>4</sup>, Tiago Laddaga Dias<sup>5</sup>, Fabrício Moraes de Almeida<sup>6</sup>



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p5120-5133>

Artigo recebido em 15 de Agosto e publicado em 15 de Outubro de 2025

### ARTIGO ORIGINAL

#### RESUMO

O presente artigo analisa a relação entre capital familiar e meritocracia na inserção e permanência no mercado de trabalho contemporâneo, a partir do fenômeno sociocultural dos nepobabies — filhos de pessoas influentes que se beneficiam das conexões familiares em suas carreiras. Parte-se do pressuposto de que a família constitui o primeiro espaço de formação de capital social, humano e moral, sendo determinante na criação de oportunidades iniciais, conforme as teorias de James Coleman (1990) e Gary Becker (1993). Contudo, argumenta-se que o privilégio de origem, embora ofereça vantagens simbólicas e relacionais, não garante sucesso duradouro sem desempenho, disciplina e autenticidade. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com método dedutivo e técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011). Foram examinadas obras clássicas e contemporâneas nas áreas da Sociologia, da Economia da Família e dos Estudos Organizacionais, além de casos empíricos amplamente documentados — como Pelé e Edinho, Richard Williams e suas filhas Serena e Venus, Zoë Kravitz, Maya Hawke, Maria Rita e a família Matarazzo. Essa triangulação entre teoria e empiria permite observar padrões de conversão ou dissipação do capital familiar em mérito e desempenho individual. Os resultados evidenciam que o capital herdado pode impulsionar o início de carreiras, mas o sucesso sustentável depende da capacidade de transformar a herança em valor produtivo. O estudo conclui que o fenômeno “Nepotism Baby - nepobaby” revela a natureza condicional do privilégio: ele pode abrir portas, mas apenas o mérito as mantém abertas. A verdadeira ascensão profissional resulta da convergência entre herança social e competência individual, traduzindo o equilíbrio entre origem e realização como expressão autêntica da mobilidade social contemporânea.

**Palavras-chave:** Nepotism Baby, Mercado de trabalho; Meritocracia; Capital Familiar.



# Meritocracy and Nepotism Baby: Family Capital in Insertion and Permanence in the Contemporary Labor Market

## ABSTRACT

*This article examines the relationship between family capital and individual merit in the dynamics of entry and permanence in the contemporary labor market, based on the sociocultural phenomenon of nepobabies — the offspring of influential figures who benefit from inherited social networks in their professional trajectories. It assumes that the family constitutes the primary environment for the formation of social, human, and moral capital, shaping early opportunities, as proposed by James Coleman (1990) and Gary Becker (1993). However, it argues that inherited privilege, while providing symbolic and relational advantages, cannot ensure lasting success without performance, discipline, and authenticity. The research employs a qualitative, exploratory, and descriptive approach, using a deductive method and content analysis technique, as proposed by Bardin (2011). Classical and contemporary works in Sociology, Family Economics, and Organizational Studies were reviewed, alongside widely documented empirical cases — such as Pelé and Edinho, Richard Williams and his daughters Serena and Venus, Zoë Kravitz, Maya Hawke, Maria Rita, and the Matarazzo family. This triangulation between theory and empiricism allows for the identification of patterns in the conversion or dissipation of family capital into individual performance and merit. Findings indicate that inherited capital can serve as an initial career advantage, yet sustainable success depends on the ability to transform that inheritance into productive value. The study concludes that the nepobaby phenomenon highlights the conditional nature of privilege: while family legacy may open doors, only merit keeps them open. True professional advancement emerges from the convergence between inherited advantage and personal competence, embodying the balance between origin and achievement as a genuine expression of contemporary social mobility.*

**Keywords:** Nepotism Baby, Labor Market; Meritocracy; Family Capital.

<sup>1</sup>Doutorando PGDRA, Universidade Federal de Rondônia - UFRO

<sup>2</sup>Centro Universitário UNIFAEMA

<sup>3</sup>Centro Universitário UNIFAEMA

<sup>4</sup>Centro Universitário UNIFAEMA

<sup>5</sup>Centro Universitário UNIFAEMA

<sup>6</sup>Professor do Doutorado PGDRA - UFRO

**Autor correspondente:** Fabrício Moraes de Almeida [dr.fabriciomoraes001@gmail.com](mailto:dr.fabriciomoraes001@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## **INTRODUÇÃO**

Nas últimas décadas, o debate em torno da meritocracia e das desigualdades de oportunidade ganhou centralidade nas ciências sociais e nas discussões públicas sobre mobilidade social. Nesse contexto, emergiu, sobretudo nas mídias digitais e no jornalismo cultural, o fenômeno dos chamados *nepobabies* — termo derivado de *nepotism babies* —, utilizado para designar filhos de pessoas influentes que se beneficiam de conexões familiares em suas trajetórias profissionais. Mais do que uma simples curiosidade midiática, o fenômeno reflete dinâmicas estruturais do capitalismo contemporâneo, em que redes sociais, prestígio simbólico e herança cultural operam como formas de capital que moldam as possibilidades de inserção e ascensão profissional. Assim, compreender o *nepobaby* significa compreender as formas atuais de reprodução do privilégio em sociedades que, paradoxalmente, proclamam o mérito como valor central.

A questão de fundo, portanto, transcende o campo da cultura ou do entretenimento e atinge as bases sociológicas da mobilidade social. A herança familiar, que se expressa em recursos econômicos, educacionais e simbólicos, funciona como vetor de diferenciação e, ao mesmo tempo, de limitação do princípio meritocrático. A tensão entre mérito e privilégio revela a complexidade das relações de poder e das estruturas de reconhecimento que definem o sucesso individual nas sociedades contemporâneas. É nesse ponto que o conceito de *nepobaby* se torna uma lente heurística para examinar como o capital familiar — em suas dimensões social, humana e moral — influencia a construção das trajetórias profissionais.

A sociologia e a economia da família oferecem um arcabouço teórico consistente para compreender essa relação. James S. Coleman (1990) conceitua o capital social como o conjunto de redes de confiança, normas e relações que facilitam a ação coletiva e a cooperação entre indivíduos. Esse capital é acumulado principalmente no âmbito familiar, funcionando como um recurso intangível que potencializa a inserção social e profissional. Famílias coesas, orientadas por vínculos de confiança e reciprocidade, produzem indivíduos mais propensos à integração em contextos competitivos e organizacionais complexos.



De modo complementar, Gary Becker (1993a; 1993b) desenvolve o conceito de capital humano e familiar, definindo-o como o investimento intencional dos pais na formação dos filhos — seja em educação formal, disciplina, saúde ou valores éticos —, o que lhes confere vantagens iniciais no mercado de trabalho. No entanto, Becker adverte que tais vantagens são condicionais: sem desempenho, esforço e capacidade produtiva, o capital herdado se dissipa, transformando-se em privilégio estéril. A herança familiar, portanto, cria condições de partida favoráveis, mas não determina o ponto de chegada.

Essa perspectiva teórica permite compreender o fenômeno *nepobaby* como manifestação empírica de uma lógica mais ampla: a da transmissão desigual de capitais que sustenta as hierarquias sociais contemporâneas. Em sociedades que proclamam a igualdade de oportunidades, o sobrenome e as conexões familiares continuam a operar como formas sutis, mas poderosas, de vantagem competitiva. Todavia, o mercado de trabalho contemporâneo, caracterizado por métricas objetivas de desempenho, inovação e produtividade, impõe uma prova prática ao privilégio herdado: apenas aqueles que transformam o capital simbólico em valor produtivo conseguem sustentar o sucesso e conquistar legitimidade.

Essa dualidade entre herança e mérito é também moral. Roger Scruton (2015) argumenta que a família é a célula moral da sociedade, o espaço primário de internalização de virtudes como responsabilidade, disciplina e deferência às normas. De forma convergente, Rosenfield (1984) ressalta a função civilizatória da família, que transmite hábitos de trabalho e valores de cooperação essenciais à vida coletiva. Assim, a formação familiar não se limita à transferência de recursos materiais, mas envolve a construção de disposições éticas que condicionam o êxito profissional e a credibilidade social. O *nepobaby* que não internaliza tais virtudes tende a desperdiçar o capital simbólico herdado, revelando a fragilidade de um privilégio desprovido de mérito moral.

Diante desse panorama, a presente pesquisa propõe responder à seguinte questão: em que medida o capital familiar influencia a inserção e a permanência dos indivíduos no mercado de trabalho contemporâneo, e sob quais condições esse capital pode ser convertido em mérito autêntico? A hipótese que orienta o estudo é que o privilégio de origem, embora ofereça vantagens iniciais, não assegura sucesso



sustentável sem desempenho, autenticidade e disciplina — valores que constituem a essência do mérito em uma sociedade orientada pela produtividade e pela competição simbólica.

O objetivo geral do artigo é analisar a relação entre capital familiar e mérito individual, tendo como recorte o fenômeno sociocultural dos *nepobabies*. Especificamente, busca-se identificar padrões de conversão ou dissipação do capital herdado em desempenho real, comparando casos de sucesso e insucesso em diferentes campos profissionais, como o artístico, o empresarial e o político. Para tanto, o estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com método dedutivo e técnica de análise de conteúdo conforme Bardin (2011). Foram examinadas obras clássicas e contemporâneas nas áreas da Sociologia, da Economia da Família e dos Estudos Organizacionais, além de casos empíricos amplamente documentados, que permitiram articular teoria e realidade social.

A relevância científica desta pesquisa reside em oferecer uma leitura interdisciplinar e crítica do mérito profissional no século XXI. Ao deslocar o foco do privilégio para a responsabilidade familiar e individual, o estudo contribui para a compreensão das novas formas de mobilidade social, nas quais a origem familiar continua sendo fator de diferenciação, mas não de garantia. Assim, o fenômeno *nepobaby* torna-se um campo fértil para refletir sobre o equilíbrio entre herança e realização, entre o capital transmitido e o valor produzido — um equilíbrio que define, em última instância, a legitimidade do sucesso em sociedades cada vez mais meritocráticas e desiguais.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com método dedutivo. Busca-se compreender de que modo o capital familiar influencia o desempenho individual e a permanência no mercado de trabalho, tomando o fenômeno *nepobaby* como representação empírica dessa relação. A investigação articula fundamentos teóricos da Sociologia, da Economia da Família e dos Estudos Organizacionais, visando integrar dimensões culturais, econômicas e morais do sucesso profissional.



A etapa teórica baseou-se em pesquisa bibliográfica de obras clássicas (Coleman, 1990; Becker, 1993a, 1993b; Scruton, 2015) e contribuições contemporâneas (Dalrymple, 2017; Twenge, 2017), que abordam a formação de capital social, humano e moral como determinantes do sucesso profissional.

Na dimensão empírica, realizou-se análise interpretativa de conteúdo, conforme Bardin (2011), aplicada a estudos de caso ilustrativos amplamente documentados na literatura e na mídia. Foram examinados casos paradigmáticos de sucesso e insucesso entre *nepobabies* com o objetivo de identificar padrões de conversão ou dissipação do capital familiar em desempenho individual.

Essa triangulação entre teoria e empiria permite inferir que o capital herdado opera como fator de partida, mas não como variável determinante do êxito profissional. O método dedutivo possibilita, assim, derivar conclusões gerais a partir da análise comparada de casos e do diálogo com o referencial teórico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise demonstra que o capital familiar pode funcionar como um impulsionador inicial de carreiras, oferecendo recursos simbólicos e relacionais que facilitam o ingresso em determinadas esferas profissionais. No entanto, a sustentabilidade desse privilégio depende da capacidade do indivíduo de transformar tais recursos em desempenho real e em resultados concretos.

Verifica-se que alguns *nepobabies* conseguiram converter o capital simbólico herdado em carreiras autônomas e consistentes. Zoë Kravitz, filha do músico Lenny Kravitz e da atriz Lisa Bonet, constitui um exemplo emblemático: consolidou-se como atriz em produções de ampla repercussão — *Big Little Lies* e *The Batman* — e também como modelo e cantora, afirmando uma identidade artística própria. De modo semelhante, Maya Hawke, filha dos atores Uma Thurman e Ethan Hawke, destacou-se em séries e filmes independentes, como *Stranger Things*, demonstrando versatilidade e autenticidade que superam o mero legado familiar. No contexto brasileiro, Maria Rita, filha da cantora Elis Regina e do pianista César Camargo Mariano, ilustra a transposição bem-sucedida da herança cultural em reconhecimento artístico autônomo, consagrando-se como uma das vozes mais premiadas da música popular



contemporânea.

Além do meio artístico, o fenômeno dos nepobabies também se manifesta em outros campos profissionais, como o empresarial, o político e o esportivo, onde alguns herdeiros lograram êxito em consolidar carreiras sólidas e reconhecidas por mérito próprio. No universo corporativo, exemplos notáveis incluem figuras como Abigail Johnson, neta do fundador da *Fidelity Investments*, que transformou a companhia familiar em uma das maiores gestoras de ativos do mundo, imprimindo uma gestão moderna e estratégica. No setor tecnológico, Rolf Buch, descendente de uma família tradicional alemã, destacou-se ao liderar a digitalização do grupo Vonovia, uma das maiores empresas imobiliárias da Europa. No cenário político e econômico, Justin Trudeau, filho do ex-primeiro-ministro canadense Pierre Trudeau, conseguiu construir uma trajetória própria, consolidando-se como líder nacional com agenda e estilo distintos do pai.

No Brasil, Jorge Paulo Lemann Filho, herdeiro de um dos maiores empresários do país, tem se destacado por conduzir projetos de inovação e investimento social voltados à educação e ao empreendedorismo, distanciando-se do mero papel de sucessor. Esses casos ilustram que o capital familiar, quando associado à competência, visão estratégica e capacidade de adaptação, pode ser convertido em liderança autêntica e em contribuição efetiva ao desenvolvimento econômico e social.

Por outro lado, há casos em que o capital familiar não se converteu em êxito proporcional. Chet Hanks, filho do renomado ator Tom Hanks, tentou seguir carreira como rapper e ator, mas sua visibilidade acabou mais associada a controvérsias pessoais do que a realizações artísticas. Situação análoga observa-se em Scott Eastwood, descendente do ator e cineasta Clint Eastwood, cuja trajetória, embora marcada por participações em produções relevantes, não alcançou o mesmo reconhecimento crítico do pai. No Brasil, Fiuk, filho do cantor Fábio Jr., teve uma carreira inicial promissora na música e na televisão, mas não conseguiu consolidar uma identidade artística independente e duradoura.

Há também nepobabies fora do campo artístico que não conseguiram converter o privilégio de origem em êxito profissional ou reconhecimento legítimo. No ambiente empresarial, Elizabeth Holmes, embora não filha direta de magnatas, cresceu em um



contexto de prestígio social e utilizou amplas conexões familiares para fundar a Theranos, empresa que prometia revolucionar os exames laboratoriais — promessa que ruiu diante de fraudes e irregularidades, resultando em sua condenação judicial. Outro exemplo é o de Eric Trump e Donald Trump Jr., filhos do ex-presidente norte-americano Donald Trump, cuja atuação empresarial foi amplamente questionada por escândalos éticos e por negócios que sobreviveram sobretudo à sombra do nome paterno. No campo político, Alberto Fujimori, ex-presidente do Peru, deixou como herança um legado controverso que afetou diretamente a trajetória de seus filhos, notadamente Keiko Fujimori, cuja carreira política foi marcada por denúncias de corrupção e pela dificuldade em desvincular-se da figura paterna.

No Brasil, casos semelhantes podem ser observados em herdeiros de grupos empresariais e políticos regionais que, apesar do acesso privilegiado, não conseguiram consolidar gestões eficazes ou inovadoras, revelando que o capital social herdado, sem competência técnica e legitimidade, tende a gerar carreiras efêmeras e dependentes do prestígio familiar. Um exemplo emblemático é o da família Matarazzo, outrora símbolo do poder industrial brasileiro. Após o auge alcançado por Francesco Matarazzo, cuja visão empreendedora transformou o grupo em um império econômico no início do século XX, as gerações seguintes não conseguiram manter o mesmo nível de gestão e competitividade.

Esses exemplos demonstram que, embora o contexto familiar proporcione uma base privilegiada — seja em termos de capital cultural, social ou simbólico —, o sucesso profissional requer competências individuais, autenticidade e capacidade de sustentar resultados. O privilégio de origem pode abrir portas, mas apenas o desempenho pessoal as mantém abertas. Em síntese, o fenômeno dos nepobabies evidencia que o capital herdado pode servir de ponto de partida, mas o verdadeiro reconhecimento artístico e cultural depende da transformação desse legado em mérito próprio e em contribuição efetiva ao campo em que se atua.

Essa dimensão formadora da família encontra respaldo na filosofia social de Roger Scruton (2015), para quem a família constitui a célula moral da sociedade, o espaço em que se aprende a responsabilidade, a disciplina e a deferência às normas. Para Scruton, o lar é o primeiro ambiente de interiorização das virtudes necessárias à



convivência civil e ao êxito pessoal — virtudes que transcendem o mero privilégio econômico. O nepobaby que não recebe essa formação moral tende a perder o capital simbólico herdado, pois lhe falta a disposição ética para convertê-lo em produtividade e credibilidade.

De modo convergente, Rosenfield (1984) sustenta que a família cumpre uma função pedagógica e civilizatória, ao transmitir valores e práticas de cooperação que estruturam a vida social. Essa função educativa não se restringe ao ensino formal, mas à incorporação de hábitos de trabalho, de respeito e de esforço, fundamentais para a inserção no mercado competitivo contemporâneo. Assim, a família que apenas oferece vantagens sem inculcar valores de mérito e responsabilidade forma indivíduos dependentes, incapazes de sustentar o sucesso inicial proporcionado por sua origem.

Essas observações permitem reinterpretar o fenômeno nepobaby à luz da teoria do capital social: o privilégio familiar é uma condição de partida, não de chegada. Quando o capital social herdado é acompanhado de uma sólida formação moral e de incentivos ao esforço, ele se transforma em vetor de desenvolvimento humano e social. Quando, ao contrário, é desprovido de tais valores, converte-se em fragilidade.

As empresas contemporâneas, orientadas por métricas de desempenho e produtividade, reconhecem essa distinção. Embora o sobrenome possa facilitar o acesso, a permanência e a ascensão dependem da capacidade de gerar resultados, de cooperar e de inovar. Em síntese, o mérito individual emerge como o ponto de convergência entre o capital social herdado e o aprendizado moral transmitido pela família — o elo entre origem e realização.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise desenvolvida neste estudo permite concluir que o fenômeno dos nepobabies constitui uma manifestação contemporânea das formas de reprodução e diferenciação social que desafiam a narrativa meritocrática moderna. O exame teórico e empírico revelou que a herança familiar, embora proporcione condições iniciais de vantagem, não é determinante do sucesso profissional, mas sim um fator de partida que precisa ser convertido em desempenho, produtividade e autenticidade. O capital herdado, quando desprovido de competência técnica e formação moral, tende a se



dissipar, evidenciando que o privilégio de origem é, por natureza, condicional e transitório.

A partir das contribuições de Coleman (1990) e Becker (1993a; 1993b), compreende-se que o capital social e o capital humano constituem dimensões complementares na formação das trajetórias profissionais. Coleman demonstra que a coesão familiar e as redes de confiança favorecem a cooperação e a mobilidade social, enquanto Becker evidencia que os investimentos familiares em educação, valores e disciplina produzem retornos significativos na produtividade individual. No entanto, ambos convergem ao afirmar que esses capitais se esgotam quando não acompanhados de esforço e desempenho. Em outras palavras, a família pode abrir caminhos, mas apenas o mérito individual os mantém abertos.

Os resultados empíricos sustentam essa leitura teórica. Casos bem-sucedidos — como os de Zoë Kravitz, Maria Rita, Maya Hawke, Abigail Johnson e Jorge Paulo Lemann Filho — demonstram que o capital familiar pode ser convertido em valor produtivo quando acompanhado de autenticidade, competência e inovação. Em contrapartida, exemplos de insucesso — como Chet Hanks, Fiuk, Elizabeth Holmes e os herdeiros da família Matarazzo — ilustram a dissipação do capital herdado quando este não é sustentado por mérito, gestão eficaz ou legitimidade social. Tais contrastes reforçam a hipótese central desta pesquisa: o capital familiar é um recurso de ativação, não de perpetuação.

Sob o prisma filosófico e moral, autores como Scruton (2015) e Dalrymple (2017) alertam para o enfraquecimento das virtudes familiares em sociedades que supervalorizam o direito ao reconhecimento em detrimento da responsabilidade individual. A ausência de disciplina, senso de dever e ética do trabalho, segundo esses autores, transforma o privilégio em obstáculo, e não em alavanca. O nepobaby desprovido de formação moral reproduz o prestígio sem internalizar o esforço, tornando-se prisioneiro de uma herança simbólica que não sabe renovar. Assim, o sucesso herdado sem competência é efêmero, pois carece do fundamento ético que sustenta o verdadeiro mérito.

Do ponto de vista organizacional e econômico, o estudo reforça que o mercado contemporâneo valoriza resultados, inovação e desempenho verificável,



independentemente da origem social. O sobrenome pode abrir a porta de entrada, mas a permanência nas estruturas corporativas e institucionais depende da capacidade de gerar valor e de construir reputação baseada em credibilidade. Essa dinâmica traduz o deslocamento de uma lógica de privilégio para uma lógica de responsabilização, em que o mérito se converte no critério legítimo de distinção social.

Nesse sentido, o fenômeno *nepobaby* funciona como um laboratório simbólico para observar os limites da meritocracia e as novas formas de mobilidade social. Ele evidencia que o privilégio familiar, quando não acompanhado de competências, transforma-se em vulnerabilidade reputacional, e que o mérito individual, quando aliado ao capital herdado, constitui a combinação mais sustentável para o êxito profissional. O equilíbrio entre origem e realização, herança e mérito, representa, portanto, não apenas uma equação econômica, mas uma questão ética e civilizatória.

A pesquisa também traz implicações relevantes para as políticas de desenvolvimento e para a gestão organizacional. No campo das políticas públicas, evidencia-se a necessidade de fortalecer mecanismos que promovam igualdade de oportunidades, de modo a reduzir o peso determinante da herança social nas trajetórias profissionais. Já no âmbito empresarial, o estudo sugere a valorização de modelos de liderança baseados em desempenho e legitimidade, em substituição à lógica patrimonialista ainda presente em muitas corporações familiares.

Conclui-se que a família é o primeiro vetor de formação de capital humano e social, mas o mérito individual permanece como o verdadeiro motor da mobilidade e da sustentabilidade profissional. Conforme as lições de Becker, Coleman e Dalrymple, o privilégio sem competência é insustentável, e o sucesso duradouro nasce da convergência entre herança e esforço. O *nepobaby* que transforma o capital herdado em valor produtivo representa a síntese possível entre tradição e mérito; aquele que não o faz, apenas confirma a fragilidade do privilégio desvinculado de virtude.

O estudo, ao articular teoria e empiria, reforça a visão de que o mérito é a medida legítima da realização humana no mercado contemporâneo — não como oposição à herança, mas como sua justa depuração. Essa é a essência da verdadeira mobilidade social: transformar o que se recebe em algo que se conquista.



## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BECKER, Gary Stanley. **Human Capital: A Theoretical and Empirical Analysis, with Special Reference to Education**. 3. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1993a.

BECKER, Gary Stanley. **A Treatise on the Family**. Cambridge: Harvard University Press, 1993b.

COLEMAN, James S. **Foundations of Social Theory**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

DALRYMPLE, Theodore. **Podres de Mimados: as consequências do sentimentalismo tóxico**. São Paulo: É Realizações Editora, 2015.

DALRYMPLE, Theodore. **Qualquer coisa serve**. São Paulo: É Realizações Editora, 2017.

KRISTOL, Irving. **Reflections of a Neoconservative: Looking Back, Looking Ahead**. New York: Basic Books, 1983.

ROSENFELD, Lawrence W. **The Idea of the Family and the Structure of Society**. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

SCRUTON, Roger. **How to Be a Conservative**. London: Bloomsbury Continuum, 2015.

TWENGE, Jean M. **iGen: Why Today's Super-Connected Kids Are Growing Up Less Rebellious, More Tolerant, Less Happy - and Completely Unprepared for Adulthood**. New York: Atria Books, 2017.